

# VÉRTICE

REVISTA DE CULTURA E ARTE

## SUMÁRIO

**A resposta de Castilho...**, Mário Sacramento ●  
**Motivo de tristeza**, conto de Enrique Amorim ●  
**Leonardo da Vinci**, Rodrigo Bastos ● **Historia e linguagem**, Ferreira Dinis ● **A polémica entre Camilo e A. Conceição**, J. Sousa Mendes ●  
**A arquitectura de hoje**, Fernandes Amorim ● **Um inédito do Visconde da Carreira** ● **A indústria portuguesa**, Rui Grácio ● **PANORAMA: Nota de desabafo a propósito de um velho problema**, António de Almeida ● **Comentários desconexos de Abril**, Sebastião Morais ● **Breves notas sobre um aspecto da obra de Eisenstein**, Jaime Viana ● **Apontamentos provincianos**, Antero de Sousa ● **O cinema e o trágico cotidiano**, António Brochado ● **CRÍTICA DE LIVROS: Notas de leitura** ● **DA MÚSICA: Luís de Freitas Branco e J. J. Cochofel**

359

algum desequilíbrio de estruturação e chocando-se com uma música magra de qualidade. Dois bailados nos agradaram menos: *As Siltides* (coreografia de Fokine, música de Chopin), que careceu do brilhante virtuosismo e do cunho romântico de que necessita, e *Ballet Imperial* (coreografia de Balanchine, música de Tchaikovsky), que, apesar da variedade de passos e figurações, não consegue evitar a monotonia.

No campo da música, esta temporada, que está quase a tocar o seu fim, deu-nos ainda algumas coisas que vale a pena nomear.

A SONATA, depois de uma longa inactividade, voltou a exercer a sua benéfica acção, repondo-nos em contacto com as fontes vivas da música contemporânea, quase banida das nossas organizações de concertos, ou relegada para o plano das curiosidades.

A Juventude Musical Portuguesa, que nesta época alargou notavelmente a sua actividade, revelou-nos em Angeles Presutto da Gama uma jovem concertista de reais predicados.

O Círculo de Cultura Musical fez ouvir

de novo o violoncelista Pierre Fournier, acompanhado por Ernest Lush, e o pianista Wilhelm Kempff, num reportório que incluía a audição integral dos Concertos de Beethoven.

A Sociedade de Concertos regalou-nos com a excelente pianista Moura Limpany, que lamentamos não tivesse empregue a sua arte esplendorosa num programa de maior alcance. Que estranha tirania não exercem as organizações de concertos quanto à escolha dos programas dos artistas que contratam? Ou por que razão esses artistas, que na sua maior parte já conhecemos da rádio estrangeira ou de gravações, sabendo portanto que contam no seu reportório obras do maior interesse, reservam para nós, de modo geral, as meras exibições de virtuosismo? No caso de Moura Limpany, por exemplo, sabemos tratar-se de uma valorosa intérprete da música contemporânea. Mas foi em vão que esperámos ver esta representada na sua passagem por Lisboa.

JOÃO JOSÉ COCHFEL

## revista das revistas

*LER. Jornal de letras, artes e ciências.*  
Ano 1.º, n.º 1, Abril de 1952.

Dirigido por Francisco Lyon de Castro e editado por *Publicações Europa - América*, saiu em Abril o primeiro número do jornal literário *LER* — um tipo de publicação que há muito tempo não tínhamos em Portugal, apesar da sua falta se sentir a todo o momento.

O jornal literário está naturalmente destinado pelo seu preço, e também pela sua periodicidade, (*LER* é mensal, mas não nos surpreenderíamos se em breve o víssemos

aparecer quinzenalmente ou, até, semanalmente), a ter uma difusão a que uma revista literária não pode aspirar e que as «páginas literárias» dos jornais diários, tão do nosso agrado e tão úteis nos últimos anos, não podem suprir.

Desde 1940, ano em que apareceram os últimos números de *O Diabo*, quase todas, se não todas, as tentativas de publicação de um jornal literário se goraram; *O Globo* e *Horizonte*, por exemplo, duraram apenas uma meia dúzia ou uma dúzia de números; só *Mundo Literário*, de que se publicaram 53 números, teve uma acção mais duradoira

no público, e cremos que, se terminou a sua publicação, não foi por desinteresse a que ele o condenasse.

Um jornal do tipo deste *LER* que nos aparece agora era, pois, uma falta já sentida há muitos anos no nosso meio literário, por ser neste meio indispensável um elo de comunicação directa e assídua entre os artistas e aquele público vasto e heterogénio para quem os artistas trabalham — ou devem trabalhar; de facto, é no jornal literário que o leitor — o homem anónimo desse público — encontra a resenha do que se publicou e do que se projecta publicar, críticas, entrevistas, artigos, discussões que o informam e orientam. Deste modo, o jornal literário, se não pode resolver as «crises do livro», porque saem de múltiplas e variadas razões que ele não pode dissolver, vai, pelo menos, contribuir para que seja possível atenuá-las, na medida em que a sua divulgação se alarga e desperta no homem comum que acaso o leia, ao menos, e já é muito, o interesse por esta ou aquela obra ou o desejo de conhecer este ou aquele autor.

Isto pretende conseguir *LER*, e ninguém, parece-nos, lhe negará a legitimidade do seu objectivo. Vem ele expresso no artigo «Linha de Rumo» publicado neste primeiro número, donde recortamos este parágrafo: «Qual o nosso programa? Servir a cultura nacional, servir a actividade editorial portuguesa, dar aos escritores, artistas e ensaístas portugueses um meio de expressão e divulgação das suas obras; trazer junto do nosso público o que mais lhe possa interessar da actividade intelectual de além-fronteiras; apoiar todos os empreendimentos que possam servir o enriquecimento cultural e o rejuvenescimento espiritual do nosso país, e levar a cabo todas as iniciativas que possam integrar-se nesses objectivos».

Se este plano pode ser considerado ambicioso, é-se forçado a reconhecer que essa ambição é legítima: um jornal literário pode realmente desempenhar o papel grandioso que estas linhas enunciam; e *LER*, para o

desempenhar, basta que se mantenha nas características de direcção e colaboração que neste primeiro número se prometem. É o que se pode avaliar pelo sumário que, além de diversas locais, depoimentos, notas de leitura, notícias, etc., insere os seguintes trabalhos: *Poesia viva*, Afonso Duarte (pequena antologia do poeta, precedida de uma nota bio-bibliográfica de João José Cochofel); *Essência e existência da literatura*, António de Quadros; *Os meios de expressão na prosa de Fernão Lopes*, António José Saraiva; *Comentário com alguma oportunidade*, Carlos de Oliveira; *Pensamento e existência*, Delfim Santos; *João de Barros, poeta de «Anteu»*, Fernando Piteira Santos; *Uma entrevista com Ferreira de Castro*; *Filmes de Arte*, Georges Charensol; *O quarto estado da matéria: o electrão*, Ira Freeman; *Romeu Correia*, por João Pedro de Andrade; *Reveillon*, trecho de um conto de Joaquim Paço d'Arcos; *Crónica das Exposições*, José Júlio; *Ter, ou não ter, teatro*, José Régio; *A Madeira, vista por um geógrafo*, Orlando Ribeiro; *Palavras e cores*, Mário Dionísio; e *Aproveitamento do Folclore como espectáculo de arte*, Tomaz Ribas.

*Vértice* deseja a *LER* uma longa vida de sucessos.

**LA BIENALE DI VENEZIA.** Revista trimestral de arte, cinema, teatro e música. N.º 7, Janeiro de 1952.

Entre as revistas estrangeiras que habitualmente são recebidas na nossa redacção, duas há que se destacam pelo seu admirável aspecto gráfico: *ARTS DE FRANCE* e *LA BIENALE DI VENEZIA*. Já por diversas vezes *Vértice* se tem referido à primeira delas; vamos hoje ocupar-nos de *LA BIENALE DI VENEZIA*, de que recebemos há pouco o n.º 7, correspondente a Janeiro deste ano.

Impressa em esplêndido papel e com excelentes reproduções, *LA BIENALE DI*